



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425



Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel. Pode abrir-se para verificação postal.

Autorização DEO032207CE

O galego

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

25 de Novembro de 2017 • Ano LXXIV • N.º 1923
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

130.º ANIVERSÁRIO DO BAPTISMO DO PADRE AMÉRICO

NESTA celebração, queremos assinalar de modo festivo a passagem dos 130 anos do Baptismo do Padre Américo Monteiro de Aguiar, na Igreja desta paróquia de Galegos. Celebramos aquele momento em que tudo nasce, o acontecimento fontal da vida cristã de que tudo brota — o Baptismo. Nessa fonte de água viva em que recebeu o fogo do Espírito Santo, começou para o Padre Américo o caminho de um verdadeiro homem de fé, de um cristão ímpar. Foi nesse mergulho inicial na água regeneradora do Baptismo que teve início a sua principal vocação — ser verdadeiro filho de Deus, ser santo, como Deus é Santo.

Na vida do Padre Américo tudo remete e tudo se compreende à luz deste impulso inicial, tudo acontece como realização, expressão e desenvolvimento desta identidade fundamental — ser cristão, ser baptizado. Foi a essa condição que ele procurou ser sempre fiel.

Aqui reunidos para celebrar esta feliz data, tomemos consciência que também, hoje, a renovação da vida cristã, seja em termos pessoais, seja em termos comunitários, terá sempre como suporte e ponto de partida a redescoberta do baptismo, isto é, a consciência do que já somos. Nesse sacramento, estabeleceu-se aquele laço fundamental que nos une a Deus e que nos une aos irmãos. Aí radica também a nossa vocação fundamental — sermos



Pela graça do Baptismo, Pai Américo foi chamado a servir os Pobres: «Foi o que eu quis ouvir!»

cristãos, chamados à santidade. Todas as outras vocações são expressões diversas desta vocação básica; todos os percursos de vida de homens e mulheres santos são a resposta pessoal nas diversas circunstâncias históricas a este desígnio pessoal de Deus para cada um de nós.

O belo e conhecido percurso de vida do Padre Américo, desde os lugares por onde passou até à sua entrada no Seminário de Coimbra, e depois o modo como viveu a vida sacerdotal atesta que se tratava de um **cristão inquieto**, de um baptizado que buscava ansiosamente o modo de melhor servir a Deus. De facto, como poucos, ele aprendeu uma das lições mais difíceis do Evangelho: *“Aquele que for maior entre vós será vosso servo. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado”*. Esse ensinamento que Jesus nos deixou e praticou é dos mais decisivos para quem quer verdadeiramente ser Seu discípulo.

Na liturgia de hoje escutamos testemunhos bíblicos que mostram que tantas vezes não foi esse o caminho de tantos crentes. Na primeira leitura Deus, através do profeta Malaquias, censura os sacerdotes que não cumpriram a sua missão (o seu serviço) de conduzir os homens para Deus. Mais tarde, no tempo de Jesus, também os escribas e fariseus são admoestados por invocarem a palavra de Deus mas não a praticarem; por fazer da religião um fardo pesado (sobretudo para os outros)

Continua na página 3

Continua na página 4

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

LES são tão diferentes uns dos outros! Como alguém dizia, «temos cinco dedos na mão e todos eles são diferentes». É nesta envolvimento de vida com os Rapazes que a nossa se vai desenrolando. Desde os que assumem as suas responsabilidades e tomam iniciativas para resolver as questões que se nos põem, até aos que se contemplam permanentemente a si mesmos para satisfazerem os seus desejos egocêntricos, passando pelos que compreendem que têm compromissos a cumprir perante os outros mas não querem ir além dos mínimos, são posições de uma panóplia de seus modos de estar na vida, em comunidade.

Dos primeiros colhemos alegria, conforto e ajuda para os trabalhos, e dos outros um sentimento mais ou menos doloroso, mas também um fruto de omissão pelo quanto eles e todos poderíamos crescer e realizar. Não são de contar os trabalhos e canseiras para levar por diante a diversidade com que permanentemente nos inquietamos. São uma necessidade no mundo e também sinal da divisão que há-de convergir para a unidade.

Na própria sociedade não se foge a estes mesmos modos de estar. E, para além disso, há posicionamentos em sentido oposto, de poderes a contrariar iniciativas particulares, as quais têm todo o mérito e cabimento. É o desejo de ter poder mais do que o de servir.

São sempre os mesmos que aparecem, são sempre os mesmos que fazem, é costume concluir-se quando o trabalho a levar em frente não oferece compensações imediatas ou palpáveis. A livre iniciativa em favor dos outros tem um valor incalculável porque é livre e gratuita.

A gratuidade e a generosidade nascem num coração que ama ou, pelo menos, num coração que se exercita no difícil caminho do desprendimento pessoal. Este estado de espírito é o ambiente interior necessário para servir os outros, o qual liberta e responsabiliza.

Liberdade e responsabilidade, dois conceitos que devem andar sempre a par, factores de crescimento pessoal e comunitário. E também devem ser equivalentes em peso para serem mais profícuos. O serviço pressupõe ambos, enquanto a sede de poder os aniquila.

Bem-aventurados os que já se esquecem de si mesmos e põem o seu anseio em servir, porque encontraram o caminho da vida para si e o abriram aos outros. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

NO Domingo 19 de Novembro, celebrou-se, no mundo inteiro, pela primeira vez, o Dia Mundial dos Pobres, criado pelo Papa Francisco, numa intuição que lhe veio enquanto fechava as portas das Catedrais e dos Santuários no final do Ano da Misericórdia.

O Santo Padre, não guardou este pressentimento no coração. Pô-lo logo cá fora, para benefício de toda a Evangelização, porque para Ele, este foi sem dúvida: *um dos primeiros sinais com que a comunidade cristã se apresentou no palco do mundo: o serviço dos mais pobres.*

Ao ler a mensagem para o primeiro dia mundial dos pobres, do Papa Francisco, sinto profundamente quanto ele se identifica com o pensamento e a acção do Padre Américo e, quanto este gozaria ao ler uma mensagem destas, com a clareza e o alcance apostólico das suas ideias, postas na praça pública isto é, na Igreja e na Sociedade com a Autoridade papal.

Desde a primeira hora, também senti que o actual ocupante da cátedra de Pedro, era um homem que não se deixou ultrapassar pela renovação litúrgica do Vaticano II, antes pelo contrário, a quer pôr nos olhos e no coração de toda a Igreja.

«Houve momentos em que os cristãos não escutaram profundamente este apelo, deixando-se contagiar pela mentalidade mundana. Mas o Espírito Santo, não deixou de os chamar a manter em olhar fixo no essencial. Com efeito, fez surgir homens e mulheres que de vários modos ofereceram a sua vida aos pobres.» Depois remata: *«Se realmente queremos encontrar Cristo, é preciso que toquemos o seu corpo, no corpo chagado dos pobres, uma resposta à comunhão Sacramental recebida na Eucaristia.»*

Por duas vezes, chama a atenção dos discípulos de Cristo afirmando que *«a pobreza é, antes de tudo, uma vocação a seguir Jesus pobre»*.

Continua na página 3

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Um testemunho franciscano

NA personalidade rica e multifacetada do Servo de Deus Padre Américo, tem lugar uma abordagem da sua perspectiva franciscana (já explorada), pois é um filão biográfico muito interessante para se compreender melhor a profundidade da sua vida, espiritualidade e Obra.

A missão franciscana em Moçambique marcou-o positivamente e o acompanhamento espiritual do franciscano D. Rafael da Assunção (especialmente em 1922) foram decisivos na sua viragem geográfica, da Costa Oriental de África para a Galiza, onde foi admitido (em Outubro de 1923) no Convento franciscano de Vilariño de la Ramallosa,

em Tuy. No seu itinerário vocacional, podem encontrar-se assim vários lugares e momentos de aproximação aos franciscanos, e depois *mergulho* na própria Ordem dos Frades Menores que admirava. É notório que transparecem sinais eloquentes de inspiração na vida do Santo de Assis, conforme testemunhou e sintetizou o Padre Alexandre dos Santos, que o conheceu em Tuy: *Fr. Américo era um S. Francisco por vocação*. Chegou a tomar hábito franciscano, a 14 de Agosto de 1924, acontecimento comprovado por um documento fotográfico coevo e autêntico (conservado no seu Memorial),

Pelas CASAS DO GAIATO

BEIRE – O “outro mar” pode estar no Calvário

Um admirador

1 — Render os que estão cansados. Durante anos e anos era ela a alma da equipa das “senhoras do banho”. Essas que, em todas as quintas-feiras, sempre nos brindam com a sua presença. Para *dar uma mãozinha*. Nestas tarefas delicadas e difíceis da higiene mais demorada e íntima das nossas doentes. Nunca se puseram o problema de que podiam *estar a tirar o emprego* a quem quer que fosse. Não senhora. Nada de *desculpas de mau pagador*. Delicadamente, deixam-se tocar por aquela palavra eloquente de Pai Américo: «*Nós precisamos muito daqueles que precisam de nós...*» E aí estão elas todas as semanas. Chegam discretamente no carrinho de uma delas, botam a mão no que é de maior urgência e lá partem. Com a mesma discrição com que chegaram. Quase ninguém dá por elas a não ser quem é por elas servido. Porque o amor é assim. Quem mais o sente é quem o recebe...

Acontece que agora, a filha dela — também já mãe — foi apanhada por uma daquelas doenças que não perdoam. E voltou a precisar da mãe/avó. Que, de coração a sangrar, com a mesma dedicação de antes, voltou a *precisar* da filha. Necessidades distintas — uma por *necessidade de receber* e outra por *necessidade de dar*. Tal e qual já tinha acontecido quando a filha era pequenina. Porque, na caridade, no amor, o dar e o receber formam uma díade, como *a cara e a coroa* de uma mesma moeda...

Frente a esta situação, fiquei-me a remoer a verdade de uma canção que, na minha juventude, se cantava em muitas Eucaristias. Sempre me tocava fundo, como se tivesse algo a ver comigo: *Tu, que nas margens do lago, // Não escolhes nem sábios nem ricos, // Queres somente que eu te siga*. E, se a memória me não trai, há nela um versículo que reza assim: *Tu necessitas de mim // Pra render os qu'estão cansados*. Acredito que ainda há quem se deixe *tocar...*

2 — O Amor, sinal d'Esperança. O bonito foi que a equipa, aceitando a situação surgida, quis dar àquela mãe sofrida a alegria de manter viva a equipa por ela criada já faz anos. E também nenhuma queria ver-se privada da *bênção das quintas-feiras*. A *bênção* daquele *dar uma mãozinha* à nobre causa do Calvário. Sentiam a falta de alguém a timonar a equipa. Mas não queriam faltar àquelas já suas *filhas* que tinham *gerado no seu coração...*

Como, no dizer do povo, *Deus nunca fecha uma porta sem que abra logo uma janela*, depressa apareceu outra voluntária a oferecer-se. Porque também precisa muito daqueles/as que precisam dela. E é vê-las agora, nesta equipa recomposta, a dar ao Calvário aquele acréscimo de um *dinamismo humanizador que actua por atracção...* Num discreto *render os que estão cansados*, neste trabalho da *vinha do Senhor* onde escasseiam os operários... (Mt 9, 32-38).

Quem vai tendo por hábito *auscultar-se* por dentro, depressa descobre que, realmente, *o amor é mesmo um sinal de esperança*. Um sinal discreto e interior. Mas bem vivo e sensível. Quase diria que momentos há em que só mesmo o amor alimenta a esperança. Essa coisa que, em nós, é já hoje a *posse actual de um bem futuro...* Quer em quem o vive quer naqueles que dele recebem a resposta para as suas necessidades. E, na linguagem dos crentes, *Deus necessita* de quem, seguindo os passos de Seu filho — Jesus de Nazaré — seja hoje, aqui e agora, um *sinal d'esperança*. Pela forma como se conduz na vida — a irradiar aquela paz e alegria de que tanto necessitamos todos. Pobres ou ricos, velhos ou novos, doentes ou sãos. Nascidos do e para o Amor, o nosso coração vive inquieto enquanto não repousa n'Ele...

3 — ... Contigo, ó Calvário, encontrei outro mar... O refrão da referida canção reza assim: *Senhor, tu fixaste os meus olhos // E quiseste meu nome chamar; // E eu deixei o meu barco na praia // E contigo encontrei outro mar*. Sei que essa coisa da Fé pertence aos mundos de cada um. E sei também que, pela sua d'IGNÍdade de *ser-pessoa*, a fé de cada um sempre merece todo o nosso **RE**+speito. Essa *coisa sagrada* de que todos, mesmo quando com deficiência, tanto necessitamos para nos sentirmos *gente*. Não esqueçam o caso do nosso Carocha «... *eu não sou um cachopo; eu sou um home!...*» (Ver *O Gaiato*, n.º 1897, 26.1.16).

E, mesmo experimentando na pele que a com+UNI(c)+ação é sempre *muito difícil*, dada a insondável subjectividade (*riqueza!*) de cada um dos interlocutores, quando nos paramos a ouvirmo-nos uns aos outros, depressa experimentamos que, realmente, as pessoas podem *encontrar outros mares...* Do que ouço, vejo e sinto na pele é que o Calvário tem sido para muitos esse *outro mar*. Que sacia as fomes / sedes dos que, nos nossos doentes e rapazes, sabem ver *gente que precisa de gente*. Para também se sentirem gente merecedora de aceitação, reconhecimento, fraternidade. O que é preciso é deixar na praia o barco desta *miopia mental* que arrastamos desde o berço. Uma *miopia mental* que nem sempre nos deixa reconhecer que *precisamos muito daqueles/as que precisam de nós*. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Elísio Humberto

MEMORIAL / MUSEU PADRE AMÉRICO — No passado dia 23 de Outubro, data em que se comemorou o 130.º aniversário do nascimento de Pai Américo, e conforme projectado e previsto pelo autor e Director da Obra da Rua, Padre Júlio Pereira, foi inaugurado o Museu Padre Américo, no edifício das antigas Escolas da Casa do Gaiato, em Paço de Sousa. Estiveram presentes cerca de uma centena de pessoas, atuais e antigos Gaiatos com seus Familiares e Amigos. A Associação dos Antigos Gaiatos e Familiares do Norte também se fez representar por alguns elementos, misturando-nos com várias gerações, para que possamos hoje aqui deixar-vos — tantos que com certeza gostariam de estar presentes e não puderam

— algumas palavras de enaltecimento por esta mais valia social e cultural que engrandece ainda mais a Obra da Rua, com a certeza que irás agendar uma possível oportunidade para também vires visitar, recordar memórias da vida que passaste na Casa do Gaiato e, acima de tudo, prestares também a justa homenagem ao Fundador, nosso Pai Américo. Marca, pois, na tua agenda e verás que vais adorar esta novidade elaborada para todos! O nosso obrigado à Obra da Rua e a todos que tornaram possível esta maravilha que nos encantou, um espaço tão singelo, nostálgico e com muita personalidade inovadora, que já fazia falta! Depois da visita, que foi

guiada pelo Padre Manuel Mendes, um especial colaborador do projecto, seguiu-se a Missa na nossa Capela, Eucaristia que foi celebrada pelo Sr. Bispo D. António Taipa. Capela cheia com uma Família Gaiata unida e crente na Fé e em Deus, conforme Doutrina que nos foi ensinada pelo nosso Pai Américo. O programa terminou com o jantar comunitário no nosso antigo refeitório, culminado assim com muita alegria e emoção um evento simples e tão belo, que nos fez recordar tantos anos de Gaiatos, juntando ali várias gerações de irmãos, que se querem unidos com a Casa para sempre! Para todos, aquele abraço. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

130.º ANIVERSÁRIO DE PAI AMÉRICO — Depois das comemorações dos 130 anos do nascimento do nosso querido Pai Américo, no Porto (21 de Outubro — Colóquio na Universidade Católica) e em Paço de Sousa (23 de Outubro — inauguração do Memorial Pai Américo com exposição e Eucaristia na Capela da Casa do Gaiato), voltámos a Coimbra, onde tinham começado (7 de Outubro — visita e Eucaristia no Seminário). Assim, no dia 28 de Outubro, no salão paroquial de S. José, com início às 21 horas, aconteceu um Colóquio sobre Padre Américo — 130.º aniversário do seu nascimento (1887-2017). Na primeira conferência, Mons. Dr. Arnaldo Pinto Cardoso, Postulador, traçou o percurso da Causa de Beatificação (desde 1986), sendo de salientar a apresentação impressa da *Positio*, em 2004, na Congregação para as Causas dos Santos; e aguardando-se ansiosamente a declaração de Venerável, pelo Papa Francisco. Depois, o Prof. Doutor Henrique Manuel Pereira falou com convicção sobre Padre Américo — Artista da palavra e das Palavras, e autografou os seus livros no final. Mais uma vez, ficou bem claro que Pai Américo é um santo do nosso tempo que serviu os pobres e um grande escritor português. Estiveram presentes os Rapazes de Miranda do Corvo, com os seus colaboradores, e de Paço de Sousa, antigos gaiatos, vários amigos e amigas, como paroquianos, leitores d'*O Gaiato* e Criaditas dos Pobres, etc. O Padre Manuel apresentou, saudou e agradeceu a presença tão amiga. O António da Costa (com 10 anos) leu um texto de Pai Américo sobre *ser santo*. Houve intervenções da assembleia. O Padre Júlio, Director da Obra da Rua, salientou a importância da dor na sua vida. Os cuidados técnicos estiveram ao cuidado do Prof. Paulo. Foi grata a presença do Padre João Castelhana (o *Gaiato é da nossa família!*). Foram vendidos vários livros de/e sobre Pai Américo. O Padre Jorge Santos encerrou o Colóquio, recordando momentos de encontro com Padres da Rua (Padre Horácio e Padre Júlio), terminando-se com as orações mais simples. No final, houve uma pequena *bucha*. E, assim, regressámos mais contentes à nossa Casa.

No dia 29 de Outubro, Domingo, pelas 12:15 horas, foi celebrada a Eucaristia na Igreja Paroquial de S. José. Fomos todos de autocarro (alugado) até Coimbra. A Eucaristia, em que participaram muitos amigos, foi presidida pelo Padre João Castelhana, Pároco anterior e muito amigo, que a agendou. Foram colocados junto ao altar dois belos painéis com fotos

de Pai Américo. Na homilia, o Padre Manuel destacou o seu itinerário vocacional, que se resume nas iniciais do seu nome (AMA) e na sua assinatura — *Padre Américo!* Foram distribuídas muitas pagelas com a oração para a Beatificação do Servo de Deus Padre Américo. Depois, na nossa Casa, houve um almoço simples junto à fonte. Foi assim um dia feliz para todos nós!

A 4 de Novembro, Sábado, de tarde, fomos de autocarro (alugado) até ao concelho de Penafiel, para visitarmos o belo Memorial Pai Américo — Obra da Rua, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, cuja exposição sobre o 130.º aniversário gostámos muito, bem como da linda Aldeia do Gaiato. Na Capela, rezámos uma oração simples ao Senhor e estivemos todos junto à campa rasa de Pai Américo. Do portão da Casa do Gaiato, com um belo monumento a Pai Américo, onde antes comemos uma bucha, viajámos até Galegos, linda terra em que fomos bem recebidos pelo Sr. Padre Nuno, e sua comunidade, muitos amigos e felizes.

Na Igreja Paroquial, pelas 17 horas, participámos na Eucaristia, presidida pelo Sr. D. António Augusto, Bispo Auxiliar do Porto (com uma homilia significativa), concelebrada pelo Pároco e ainda Padre Júlio e Padre Manuel, numerosos fiéis, em que se incluíam familiares, conterrâneos, todos os Rapazes das Casas do Gaiato de Paço de Sousa e de Miranda do Corvo, com os seus colaboradores. Foi uma linda Missa, com um bom coro, numa Igreja e no adro bem arranjados para este dia. No final, foram colocadas flores junto ao busto de Pai Américo.

Seguiu-se um excelente convívio comunitário, cujas mesas recheadas e

música deixaram todos muito alegres. Assim, partimos para a nossa Casa muito felizes, pela celebração deste acontecimento!

Nesse grande dia (4-11-1887) Américo foi ao colo dos seus pais Teresa e Ramiro, da Casa do Bairro (onde nasceu) à pia baptismal, sendo o último de oito irmãos.

AGROPECUÁRIA — Neste Outono, o tempo tem continuado quente e seco. Várias árvores que embelezam a nossa Casa (carvalhos, tílias, etc.) têm deixado cair imensas folhas, que vamos varrendo.

Numa feira da Vila, comprámos alguns centos de couves, que foram plantadas na nossa horta. Também foram comprados 22 frangos.

Tem continuado a safra da apanha da azeitona na nossa quinta, sendo um bom ano de colheita, apesar da seca. Assim, depois da *terra dos grilos*, fomos colhendo azeitonas dos olivais da *terra do poço novo* e junto ao lameiro (dos dois lados da avenida Padre Américo), e ainda junto à rotunda Pai Américo, atrás das oficinas, no campo do *ti Jaime* e no *olivais novo* junto ao pomar de citrinos. Entretanto, foram levadas algumas carradas de sacos de azeitona a um lagar em Oliveira do Hospital, para extrair o precioso azeite!

CONTACTOS — Para ajudar os nossos amigos e amigas que nos querem contactar e ajudar nas nossas despesas, continuamos a dar esta informação: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo; Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, Bujos; Rua Casa do Gaiato, n.º 628 3220-034 Miranda do Corvo. Telef.: 239 532 125. E-mail: gaiatomiranda@gmail.com. NIB (CGD): 003504680000557733018. □

PAÇO DE SOUSA

Vicente António

MAGUSTO — No dia 12 fizemos o nosso magusto. Recebemos os antigos Gaiatos da Associação do Norte, que participaram na nossa Eucaristia e de seguida no nosso almoço. Pelas 16:30h começamos o convívio do magusto à volta da mesa de pedra, juntando-se a nós os Rapazes da Casa do Gaiato de Beire e alguns amigos. Ao som da música fomos merendando as castanhas, as fêveras e entrecosto, as sardinhas, o pão e o caldo verde, pelo que ficou feito também o nosso jantar.

MUSEU — Desde que o Museu Padre Américo / Obra da Rua foi inaugurado no passado dia 23 de Outubro, muitos admiradores da Obra e de Pai Américo têm vindo visitá-lo. As pessoas têm ficado satisfeitas com a exposição e com o espaço, deixando os seus elogios no livro de honra. Os mais novos que visitam o Museu, gostam muito de ver o filme que temos na sala de projecção sobre a nossa Obra.

CAMPO — Com a falta de chuva, os nossos campos estão necessitados de humidade para se fazer a sementeira das ervas de inverno. Contando com a previsão de alguma chuva, semeamos os campos e esperamos que germinem bem. O nosso ano agrícola tem sido mau, mas esperamos que acabe bem. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

assinado pela sua própria pena — Fr. Américo. Sendo um perseguido pela Graça e um grande apaixonado por Jesus, foi um verdadeiro devoto do *Pobrezinho*. Daí que seja possível apelidá-lo de autêntico *frade menor*, fora do convento.

Em Outubro deste ano, no centenário do regresso dos franciscanos à Diocese conimbricense, depois da extinção das Ordens Religiosas, tivemos a grata oportunidade de recolher um testemunho do próprio punho de Frei Manuel Marques Novo, um ancião franciscano, com 91 anos (em 19 de Novembro), natural de Leiria (Caranguejeira), ora residente na Fraternidade dos Santos Mártires de Marrocos e do Beato João Duns Escoto, à Avenida Dias da Silva, na Cumeada, em Coimbra. Reporta-se este escrito significativo a uma dimensão fundamental da vida cristã — o sacramento da Reconciliação. A velha e fecunda amizade com os franciscanos permitia-lhe procurar com alegria os frades menores para esta segunda tábua de salvação depois do Baptismo. Aliás, a disponibilidade permanente para o atendimento de Confissão e a direcção espiritual são peculiares na missão franciscana, como valioso serviço à Igreja e ao mundo.

Eis, pois, um testemunho franciscano, simples e belo, datado de 23 de Outubro de 2017, para nossa meditação:

Sou um sacerdote franciscano e vivi durante muitos anos no nosso convento e igreja de Nossa Senhora dos Anjos, no Porto. Há dias, em conversa informal com o Vice-Postulador da Causa de Beatificação do Padre Américo, este

perguntou-me se cheguei a conhecer o Pai Américo. Sim, cheguei e certamente o ouvira de Confissão, se não a última, uma das últimas confissões da sua vida. E insisti comigo para pôr por escrito quanto lhe acabara de relatar.

Recordo-me muito bem do facto, porque um mês ou mês e meio depois disso, sofreria ele o acidente que o levou ao Hospital de Santo António, onde viria a falecer no dia 16 de Julho de 1956, dia de Nossa Senhora do Carmo. E recordo-me porque este encontro com ele foi, de certeza, na oitava depois da festa de Pentecostes. Naquela altura a Liturgia da Missa ainda era em latim e a Sequência própria da Missa do Pentecostes, em latim, era rezada durante todas as Missas que ocorriam dentro da oitava.

Guardei sempre na minha memória essa Confissão, não por causa das faltas ou imperfeições que o penitente confessou. Dessas, evidentemente, nada lembro... Mas recordo que fez citações, referências e alusões naturais e simples à dita Sequência. Se hoje lermos ou rezarmos esta Sequência, lá encontramos muitas expressões com fácil aplicação à nossa vida de piedade e espiritualidade.

Importa lembrar que o Pentecostes nesse ano de 1956 se celebrou no dia 20 de Maio, data relativamente próxima do dia do seu acidente e falecimento. Digo que foi uma das últimas, se não a última Confissão, porque, naquele tempo, muito se recomendava às pessoas consagradas ou que queriam viver uma certa espiritualidade, que se aproximassem do Sacramento da Penitência todos os oito ou quinze dias, ou, pelo menos um mês. Por isso estou convencido que a Con-

fissão feita pelo Padre Américo na semana depois do Pentecostes, entre 21 a 26 de Maio de 1956, não teria sido a última, mas simplesmente uma das últimas. Piedoso e profundamente espiritual na sua vida, com certeza ter-se-ia confessado mais algumas vezes entre o dia 26 de Maio (último dia da Oitava do Pentecostes de 1956) e o dia do acidente e falecimento (em 16 de Julho).

Sendo o Padre Américo uma alma profundamente franciscana, termino este pobre testemunho com as palavras com que termina cada capítulo das Florinhas de S. Francisco: À honra de Cristo, ou À glória de Cristo, Amen.

Da Sequência, citada, fica aqui este naco apropriado: *Vinde, Pai do pobres! / na dor e aflições, / vinde encher de gozo / os nossos corações.* E outro de que se lembra bem ainda, desse encontro, o virtuoso sacerdote: *Lavai nossas manchas, / a aridez regai, / sarai os enfermos / e a todos salvai.*

Foi recolhida assim, a tempo, uma recordação marcante antes da partida do Padre Américo para o Céu, que aconteceu há 61 anos. Na verdade, é interpelante verificar como dedicava na sua vida espiritual especial atenção à Penitência. Como Pai, recomendou-a com ardor aos seus filhos, conforme deixou bem vincado no seu Testamento: *A vida religiosa nas nossas comunidades seja o centro. [...] A Missa dominical. O ensino da doutrina cristã. A prática das orações quotidianas. Os Sacramentos: Pôr-lhes a mesa, chamá-los ao banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados.* □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Não há nenhum Jesus rico. O único que conhecemos é o Cristo pobre. O rico é uma quimera que infelizmente enche o coração e a mente de muitos auto-proclamados discípulos de Jesus.

E o Papa vai por aí fora: «*pobreza significa um coração humilde que sabe acolher a sua condição de criatura limitada e pecadora, vencendo a tentação da onnipotência que cria em nós, a ilusão de ser imortal.*

A pobreza é uma atitude de coração que impede conceber como objectivo de vida para a felicidade, o dinheiro, a carreira e o luxo.

É a pobreza que cria as condições para assumir livremente as responsabilidades pessoais e Sociais, confiando na proximidade de Deus e vivendo apoiados na sua graça.

A pobreza é o metro que permite avaliar o uso correto dos bens materiais.

A pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados por vis interesses, espeznhados pela lógica perversa do poder e do dinheiro.»

Nesta semana, apareceram-me três casos típicos a que só a caridade cristã é capaz de responder.

Um casal ainda novo, pediu ajudas ao pároco para pagar a água e a luz ameaçadas de corte e também sem comida. Têm o caso em tribunal, pois o patrão deve-lhe mais de dez mil euros e não lhe paga.

— *Como vou eu viver com a mulher e o filho sem água, sem energia e sem comer?* — Desabafava-me. O pároco diz que a sua igreja não pode. Meu Deus!... Não pode o quê?!... Ele é que não é pobre, porque se fosse a sua igreja teria sempre umas migalhas para dar a estes paroquianos e com eles o sinal de que Deus estava próximo.

Uma senhora criada num colégio, é a segunda vez que me aparece com a mesma emergência, pois a única fonte de rendimento familiar é o ordenado do genro a quem o patrão deve salário, há três meses. Situações destas causam um desânimo brutal, destruidor da própria pessoa. Como animá-la, senão dando-lhe o essencial e com ele, o testemunho de que Deus está próximo.

Uma assistente Social, pede-nos para uma família — roupa, electrodomésticos e mobília —, a quem, por imposição burocrática só poderá valer daqui a mês e meio.

Quem acode esta gente? Quem?!...

O Santo Padre dirige-se particularmente aos bispos, aos sacerdotes e aos diáconos, que por vocação têm a missão de apoiar os pobres, na certeza de que «*partilhar com os pobres, permite-nos compreender o Evangelho na sua verdade mais profunda.*» O Papa Francisco fala sempre da caridade cristã. Usa a palavra solidariedade somente uma vez, quando se dirige a homens e mulheres de boa vontade.

E continua o Papa: «*não pensemos nos pobres apenas como destinatários de uma boa obra de voluntariado ou de gestos improvisados de boa vontade para pôr a consciência em paz. Estas experiências são válidas e úteis a fim de sensibilizar tantos irmãos para as injustiças que frequentemente são a sua causa. Os pobres não são um problema: são um recurso de que lançar a mão para acolher e viver a essência do Evangelho.*» □

NOS 130 ANOS DO NASCIMENTO DO PADRE AMÉRICO

DENTRE os acontecimentos celebrativos recentes dos 130 anos do nascimento de Pai Américo, ficou por anunciar que não por realizar, no dia 21 de Outubro, o Colóquio com o tema «Diálogo em torno da Obra da Rua, Casa do Gaiato e Calvário», na U.C.P. no Porto. Nasceu na inquietação do Sr. José da Cruz Santos partilhada conosco, para lembrar Pai Américo no «seu exemplo humaníssimo e a sua palavra profética».

Nele participaram D. Januário Torgal Ferreira, Bispo Emérito das Forças Armadas, a Presidente da UCP Porto, Dr.^a Isabel Braga da Cruz, o Dr. Gil Moreira dos Santos, o Dr. Henrique Manuel Pereira, o Cón. Jorge Cunha, a Dr.^a Isabel Ponce de Leão, a Dr.^a Maria Manuela Lopes Cardoso e o Dr. Fernando Reis Lima, que com muita amizade transmitiram aos presentes a sua palavra muito pessoal em jeito de testemunho.

Também o Sr. Cruz Santos fez chegar aos presentes o seu sentir, que agora reproduzimos.

Não conheci o Padre Américo, mas assisti ao seu funeral que saiu da Igreja da Trindade no Porto. Era ali bem visível o profundo luto em que estava a cidade. Visitei a Casa do Gaiato várias vezes, mas só por volta de 1976, há quarenta anos, é que pude aproximar-me mais, pois conheci então uma pessoa extraordinária, um desses seres, como dizia Saint Martin no século XVIII, atra-

vés de quem Deus nos ama: o Padre Carlos Galamba, sucessor do Padre Américo à frente da Obra da Rua. O Padre Carlos, de quem D. António Francisco dos Santos, que tivemos o privilégio e a alegria de ser o nosso Bispo do Porto, disse uma vez: Era um Santo.

Pude então, dizia, com benevolência generosa do Padre Carlos, começar a organizar e com a ajuda do meu amigo Dr. Zeferino Coelho, a obra Padre Américo — Páginas Escolhidas e Documentário Fotográfico, e isso aproximou-me mais da Obra da Rua e a partir daí eram frequentes os meus contactos com o Padre Carlos com quem aprendi a bondade, tolerância, serenidade. Por ele ia sabendo dos problemas que a Casa do Gaiato enfrentava, por indiferença, e pior, por ignorância dos poderes políticos. Bastará dizer que desde o 25 de Abril todos os Governos se recusaram a receber os responsáveis pela Obra da Rua, que muitas vezes solicitaram audiência a fim de exporem os seus problemas.

No entanto, naquela que era considerada a obra mais importante da Igreja Católica em Portugal no Século XX, milhares de crianças ressuscitaram para a vida, numa acção pedagógica inovadora e sem paralelo cá dentro e talvez lá fora. A Casa do Gaiato não é um asilo, uma tutoria, uma casa de correcção, com fardas, portões, directores. A Casa do Gaiato era e é uma casa de amor e de trabalho, onde

os ensinamentos se fazem através do exemplo e de disciplina que terá de haver sempre entre pais e filhos. O pão que os gaiatos comiam com o resultado do seu trabalho tinha outro sabor. Era também uma das razões porque Padre Américo e os seus Sucessores recusaram sempre subsídios dos senhores governos. Obra de pobres e para pobres, pode dizer-se que o grande apoio da Obra da Rua, constituído pela Casa do Gaiato, Lares do Gaiato e Calvário, foi sempre a simpatia com que sobretudo os pobres lhe enviam os seus donativos.

O meu incómodo em face das notícias com que por vezes uma imprensa mal informada agride a Casa do Gaiato e o Calvário resulta de não perceber que não façam nenhum esforço para visitar com olhos de ver essas obras e ouvir os seus responsáveis. É um “jornalismo” que infecta uma profissão que grandes jornalistas prestigiaram. Quando um chamado jornalista diz que na Casa do Gaiato há exploração de trabalho infantil autodefine-se como um ignorante absoluto que abusa da miséria moral. A exploração do trabalho infantil que lá existe é da mesma natureza que o meu querido Pai exercia quando me punha a ajudá-lo logo que fui para a escola primária.

A Obra da Rua quer ser independente de qualquer poder político e governamental, pois só assim pode manter-se fiel à pureza da sua criação e intenções, presentes nas Nor-

mas de Vida que lhe definiu o Padre Américo. Claro que isso incomoda os poderes, que perdem assim o direito de interferir. É esse terrível poder de recusar que sempre incomoda os poderes. Já foi assim com o Senhor D. Pedro V, que falou mal de Alexandre Herculano, que o adorava como pai, porque esse grande português lhe recusou todas as honrarias e penduricalhos com que procurava torná-lo venerador e obrigado. Esse comportamento da Obra da Rua/Casa do Gaiato devia merecer, pelo contrário, o respeito e o apoio dos poderes políticos, neste país em que a subsidi dependência se tornou uma das profissões mais obscenas, mas rendosas.

O que eu possa fazer, e são tão poucos os meus saberes e poderes, para ajudar a divulgar o exemplo sem paralelo que é a Obra da Rua/Casa do Gaiato, o que eu possa

fazer, dizia, não tem nada de generosidade. Tem que ver, sim, com uma obrigação moral que é de todos nós portugueses, que devíamos estar gratos a essa Obra sonhada e criada pelo Santo Padre Américo, e continuada pelos seus Sucessores e Padres da Obra, padres mendicantes que dedicam toda a vida, todas as horas da sua vida, às crianças desprotegidas e aos doentes que ninguém quer acolher. É uma obrigação que assumo com alegria, mas com tristeza por poder tão pouco. É uma obrigação de todos nós, como disse. Uns assumem-na; outros não. Nas largas avenidas da bondade do Santo Padre Américo há de certeza compreensão para todos. Até porque, como diria o tão saudoso e querido amigo Óscar Lopes, o Padre Américo “gostava de toda a gente, pobre gente”.

José da Cruz Santos



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.pt facebook.com/Casa.do.Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21100

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

BENGUELA

Padre Manuel António

Inquietações

A nossa querida Angola celebrou ontem, a festa do aniversário da sua Independência. Foi em 11 de Novembro de 1975. Passaram 42 anos. A nossa Casa do Gaiato de Benguela nasceu em Janeiro de 1964. Passou e continua a viver estes anos com todo o amor e carinho do nosso povo e seus responsáveis. Sem dúvida, os momentos difíceis e dolorosos que precederam a Independência de Angola, também foram partilhados pela nossa Casa do Gaiato. O desejo mais forte que ocupa o coração da nossa Casa do Gaiato de Benguela, nesta celebração da Independência, é que Angola seja uma autêntica casa de Família para todos os seus filhos. Que todos os membros da sociedade angolana tenham as condições necessárias para uma vida humanamente digna. Quem dera! Este projecto ideal pede um compromisso inadiável dos primeiros responsáveis da nação, neste sentido. Sem a colaboração dos membros mais capazes, as dificuldades aumentam. A celebração desta data muito significativa seja um apelo à colaboração de todos. Há situações muito significativas de abandono social. A miséria é o ambiente desta forma de vida de parte numerosa dos filhos de Angola. Quero lembrar, em primeiro lugar, a multidão de crianças abandonadas. São filhos deixados ao abandono pelos pais, incapazes financeiramente e por falta de dignidade humana. É absolutamente necessário um acompanhamento

das entidades responsáveis. Que os causadores destas desgraças sejam chamados e prestem contas. Sem dúvida, a miséria material em que vivem esses núcleos sociais gera o ambiente favorável para estas situações desgraçadas. Da nossa parte, queremos fazer tudo, até ao limite das nossas possibilidades. Há momentos, por exemplo, recebemos o pedido para o acolhimento de dois filhos abandonados, de oito e dez anos. Sem família e sem escola. Que desgraça! O nosso coração acolheu-os com todo o amor e carinho, mas não foi possível, de momento, recebê-los em nossa Casa. Debato-nos com um problema afitivo. Temos um grupo de rapazes que precisam de emprego. Não foi possível, até este momento. Têm idade e capacidade de trabalho para sair da Casa do Gaiato. Não conseguimos o emprego necessário, até este momento. As consequências são dolorosas. Não é possível o acolhimento de novos filhos abandonados. Vamos tentar um caminho eficaz para a solução, com a ajuda das entidades. Deste modo, seria possível o acolhimento dum grupo numeroso de filhos abandonados. Quero partilhar este sofrimento com o vosso coração cheio de amor por nós.

Outro problema social muito grave está relacionado com as famílias que não têm casa para viver. As barracas miseráveis são o seu poiso. Há consequências graves. Muitos doentes batem-nos à porta, a pedir ajuda para consultas médicas e aquisição de medicamentos. Ajudamos sempre, graças ao auxí-

lio que algumas pessoas amigas nos dão para governarmos a vida da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Se não tivéssemos estas ajudas não seria possível vivermos, deste modo. Que o Pai do Céu permita que tenham sempre o seu coração disponível para este amor extraordinário. Na celebração da Independência de Angola vamos ter sempre presente este ideal maravilhoso de ajudar todos os seus filhos a viver como numa casa de família, cheia de amor com todos os seus membros. O tempo do calor chegou. A praia é uma atracção, nos tempos livres. Os filhos da nossa Casa do Gaiato querem aproveitar. Hoje, domingo, fomos com o transporte cheio, desde os mais pequeninos, até à praia da Baía Azul. É um momento pleno de alegria. O convívio, na praia, com os filhos e outros membros das famílias estranhas é consolador e cheio de significado. Aparecem como membros normais da sociedade. Deste modo, fazem o seu crescimento até serem homens dignos da convivência humana social comum. O nosso sofrimento nasce da impossibilidade de dar acolhimento a outros que estão abandonados na rua. Não perdemos a esperança de passos em frente, com a ajuda dos nossos amigos benfeitores. Estamos a chegar ao fim do ano lectivo, nos vários níveis escolares, desde a pré-primária, até ao curso secundário. Esta dimensão da vida educativa destes filhos, como de todos os filhos, é de muita responsabilidade e exige muitos cuidados. Nem todos aproveitam como deviam. Esta situação é, também, motivo de sofrimento, como acontece com todos os pais responsáveis. Aguardamos os resultados com muita confiança. Recebi um beijinho dos filhos mais pequeninos da nossa e vossa Casa do Gaiato de Benguela. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Quero fazer-me um homem

COMO todos os verdadeiros pais, somos responsáveis pela educação dos nossos rapazes, por isso, chamados Encarregados de Educação. À noite, costumei ficar à mesa na aconchegada sala de jantar, oferecendo aos rapazes ocasião para me apresentarem os seus testes que devo assinar e rever, os recados do director de turma sobre a ocorrência boa ou má, autorização para saídas, dinheiros necessários etc.

Naturalmente que um **bom** no teste, trás consigo um elogio e uma festa irremediável.

O Jeovanio tem-nos trazido muitos problemas, de tal forma que me vi obrigado a levá-lo a consultas de pedopsiquiatria.

— “Sepacilo”, tenho dois testes para assinar! — É muito bom sinal quando um rapaz se me dirige com tanta espontaneidade.

Trazia um suficiente mais e um bom.

No meio da festa: — Então?! O que é isto Jeovanio?

— É que eu quero fazer-me um homem! — A festa também me entrou no coração e a alegria de ambos não se mede.

Apanha da azeitona

AS azeitonas, este ano, dão-nos que fazer. É tarefa que surge quando todos estão muito ocupados com o estudo, os empregos e trabalhos inadiáveis.

Um senhor amigo, ofereceu-nos uma máquina nova para ripar o fruto das oliveiras.

Já tínhamos uma, diferente, que deitava abaixo as azeitonas sem ferir as árvores, evitando as tradicionais cacetadas para as derrubar, mas esta é mais eficaz. Tem dois pentes, movimentando-se ao mesmo tempo para cima e para baixo, tomba mais fácil e rapidamente os preciosos frutos da árvore da paz, os quais caem nas redes e são depois entornados para caixas, retirando-se um ou outro pequeno ramo e as folhas.

Não temos prática de conservar a azeitona após a colheita e isto obriga-nos ao trabalho mais rápido para apanharmos quantidade que valha a pena conduzir ao lagar, o qual, fica a uma longa distância.

Contentor para Moçambique

QUANDO me leres, já o referido deve estar em viagem. Agora, faltam-nos apenas, a tonelada de leite em pó.

Recebemos várias ajudas em dinheiro e em materiais.

As sementes de feijão, vieram com muito carinho de uma aldeia perto de Aveiro e eu, não sei se o peso da oferta caiu sobre uma pessoa ou várias. Sei sim, que naquela aldeia há caridade cristã.

Vieram muitos tecidos de Lisboa e de outros lados utensílios de lavoura e de limpeza.

O transitário não ganha um centimo. Faz o serviço por amor à Casa do Gaiato.

Como é lógico tudo vai pago. O *Património dos Pobres* suporta o resto que os donativos não cobriram. □

130.º ANIVERSÁRIO DO BAPTISMO DO PADRE AMÉRICO

Continuação da página 1

e de preferirem privilégios e mordomias. Rostos e expressões de uma religião que esqueceu o essencial: o amor a Deus e ao próximo; a glória de Deus e o serviço aos irmãos. Mas escutámos também o exemplo admirável de Paulo, que diante da comunidade de Tessalónica se reconhece pequeno (apesar do seu prestígio) e se compara à mãe que tudo faz (com trabalhos e canseiras) em verdadeiro espírito de serviço para que nada falte à família que criou e que ama.

O Padre Américo unido no baptismo para uma missão, não se cansou de ser um trabalhador da vinha do Senhor, um servo simples e pequeno que tudo fazia para que não faltasse o essencial aos que nada tinham. Por isso, hoje o exaltamos diante de Deus, precisamente porque nos legou um testemunho eloquente do que é a verdadeira humildade. No Evangelho, Jesus recomenda ainda um especial cuidado com duas grandes palavras — Mestre e Pai. De facto, Jesus é para o cristão o Mestre de quem nos reconhecemos discípulos e Deus é o Pai por excelência porque é o verdadeiro Senhor da Vida, que no baptismo nos adopta como filhos. Tendo como grande modelo a pessoa de Jesus Cristo, o Padre Américo foi à sua maneira um Mestre, não só pelos escritos que nos deixou, cheios de sabedoria, mas sobretudo porque a sua vida é um evangelho vivo, palavra de Deus vivida no meio dos dramas humanos. À sua maneira foi também Pai — aliás, assim carinhosamente chamado — Pai espiritual que soube trazer para a família de Deus os irmãos mais pequenos e mais pobres.

Além de Pai e Mestre, o Padre Américo constituiu um verdadeiro profeta para o nosso tempo. Como os profetas bíblicos, também ele obrigou a olhar a realidade dos dramas humanos com os olhos da fé; também ele contribuiu para o desinstalar de rotinas, comodismos e indiferenças. Com sentido profético ajudou-nos a olhar o pobre, o doente, a criança abandonada, com os olhos de Deus e a amá-los com o amor e a misericórdia que aprendemos de Deus. A sua figura de verdadeiro baptizado e homem de Deus continuará a ser inspiradora para um Cristianismo que se distinga mais pelo fazer do que pelo dizer; que quer ser escola de humanidade e fraternidade, num serviço incansável pelo bem e libertação de todo o ser humano.

Neste tempo em que se continuam a privilegiar as aparências, os lugares de destaque, os títulos, a exaltar os méritos efémeros, o Padre Américo emerge como um verdadeiro modelo de vida para os baptizados. Que a sua vida com a marca da santidade continue a servir de exemplo para quem movido pelo amor de Deus quer descobrir e viver a alegria do Evangelho.

Igreja Paroquial do Salvador de Galegos (Penafiel), 4 de Novembro de 2017.

† António Augusto Azevedo, Bispo Auxiliar do Porto

VINDE VER!

Padre Quim

A flor das acácias

«LOUVADO sejas meu Senhor», cantava o pobre de Assis, em profunda comunhão com todas as criaturas. Qual melodia elevada ao mais alto do Céu, envolvia o universo em fraterna amizade. Notas vivas da irmandade, em expansão universal. Somos da mesma fonte de amor. O mesmo Senhor e Criador que tudo governa e rege. O louvor é cantado «pela nossa irmã a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verdura», e abundância de sementes para a prosperidade. Tudo o que vive e respira louva ao Senhor. O Santo Padre na sua segunda encíclica *Laudato Si*, com paterna solicitude convida-nos a renovar o diálogo iniciado no Cântico das Criaturas.

A terra é a nossa casa comum, aquela que nos acolheu e com quem todos os dias fazemos a trajectória da nossa existência enquanto seres a caminho. Aquela que recebe a luz do sol, o brilho das estrelas, a chuva, a neve, e também a violência dos comportamentos descontrolados do homem, a pretexto do desenvolvimento técnico-científico. Nela a semente é recebida e dotada de pujança para germinar,

crescer e desenvolver, a progredir, a ser mais, e realizar a sua missão.

A lição dada pela mãe Natureza nos seus variados ciclos, serve para a nossa vida. Ela é factor de desenvolvimento ao proporcionar um ambiente saudável, florido para o processo educativo e civilizacional das jovens gerações. É a sala de instrução, formação e do progresso social e moral. A nossa vida em família acontece neste *habitat* natural; plantas, flores e frutos, juntamente com trabalhos e canseiras. As nossas florinhas estão no jardim do coração da nossa família do Gaiato — os nossos «Batatinhas». No Domingo, depois da Santa Missa veio a mãe do «Raul», visitar o filho. Há anos que não aparecia por cá. Explicou o motivo. Tinha sido vítima de uma doença prolongada. E debilitada como estava, apresentava os sinais da doença. Os meus olhos puderam nesta hora enxergar o amor daquela mãe pelo seu filho, de tão feliz que estava por ver o seu menino crescido, educado, feliz numa Casa que lhe oferece o melhor para o seu crescimento equilibrado. Ele mesmo na minha presença fez o relatório para a sua mãe. Na escola já sabe ler escrever

e fazer contas. Às vezes engana-se quando é para distribuir os sambapitos aos outros irmãos. Mas isto sei eu, a mãe não sabe de algumas gaiatices feitas por ele. Mas com desejo da perfeição em efervescência! Na educação religiosa está a avançar, foi há poucos meses que recebeu os Sacramentos do Baptismo e o da Sagrada Comunhão. E continua na Catequese para o Santo Crisma. Na vida de trabalho doméstico, o rapaz tem a sua obrigação e por ela responde quando é chamado. O rapaz assim em crescimento saudável é uma flor a desabrochar. Pétala-a-pétala. Assim floresce a árvore toda. E como acontece às nossas avenidas em Novembro, a terra nos oferece o perfume e o colorido pendurados nas acácias floridas. A conclusão é de Pai Américo, *se houve jamais no mundo uma força irresistível, são os braços abertos da criança abandonada*. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Só a filosofia cristã sabe o significado profundo, transcendente e divino da palavra — fraternidade.

Pão dos Pobres, 1.º vol., 1958, p. 26.